
COMMUNITY COLLEGES E O SISTEMA EDUCACIONAL NORTE-AMERICANO¹

*Sondlo Leonard Mhlaba**

Resumo

O objetivo deste trabalho é propiciar uma visão geral do sistema educacional norte-americano, do nível elementar ao universitário, salientando os múltiplos papéis desempenhados pelas *community colleges*, ou seja, pelas “faculdades comunitárias”, dentro desse sistema. Este estudo se inicia com uma discussão ampla a respeito dos alicerces da missão educativa e das metas da educação estadunidense. Esta discussão é acompanhada por uma série de segmentos que esclarecem conexões existentes no sistema e por estratégias de controle da qualidade e da responsabilidade no tocante às necessidades sociais. No decorrer do trabalho, os termos “América” e “americanos” são utilizados para referir-se respectivamente aos Estados Unidos da América do Norte e aos seus cidadãos – mesmo tendo em vista que o autor reconhece que “americano” normalmente se aplica a todos os cidadãos das Américas, muitos dos quais são também identificados como “brasileiros” ou “mexicanos”, por exemplo.

Palavras chave: Educação; Sistema Educacional; EUA.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMERICANA

John Dewey², renomado educador americano, criou um novo significado para o termo “transação”, de grande valia para a compreensão do que fazemos ao educar nossos filhos ou ao viver a vida como membros da sociedade. Dewey sugeriu que há sempre uma transação em marcha entre nós e a realidade. Nós agimos e a realidade responde; se gostamos da resposta, prosseguimos da mesma maneira ou variamos um pouco para ver o que acontece em seguida. Essa transação, segundo Dewey, se torna possível porque nós somos capacitados para o “pensamento reflexivo”.

O que Dewey estava expressando era, na verdade, a sua teoria a respeito de como aprendemos. Enquanto poucos professores pensam sobre filosofia e teoria do aprendizado no seu dia-a-dia na sala de aula, é extremamente necessário que alguém o faça, sobretudo entre aqueles que lideram a elaboração do sistema nacional de educação. A filosofia tem conseqüências. Morris e Pai (1976)³ podem ajudar a esclarecer este ponto através de exemplos que adaptarei e resumirei a seguir.

Começamos examinando o diagrama que se segue, dando especial atenção à linha do tempo, que representa a história social de um povo. À guisa de ilustração, tomemos quatro agrupamentos: o primeiro inclui todas as filosofias que abrangem a polaridade Idealismo/Realismo. O segundo compreende os agrupamentos Experimentalistas. O terceiro engloba os que poderiam ser resumidos pelo termo Reconstrucionismo. Cabe ressaltar o fato de estar o quarto agrupamento, Neotomismo, colocado acima da linha do tempo de nossa experiência comum, sinalizando o reino da Verdade Absoluta, ou seja, Deus.

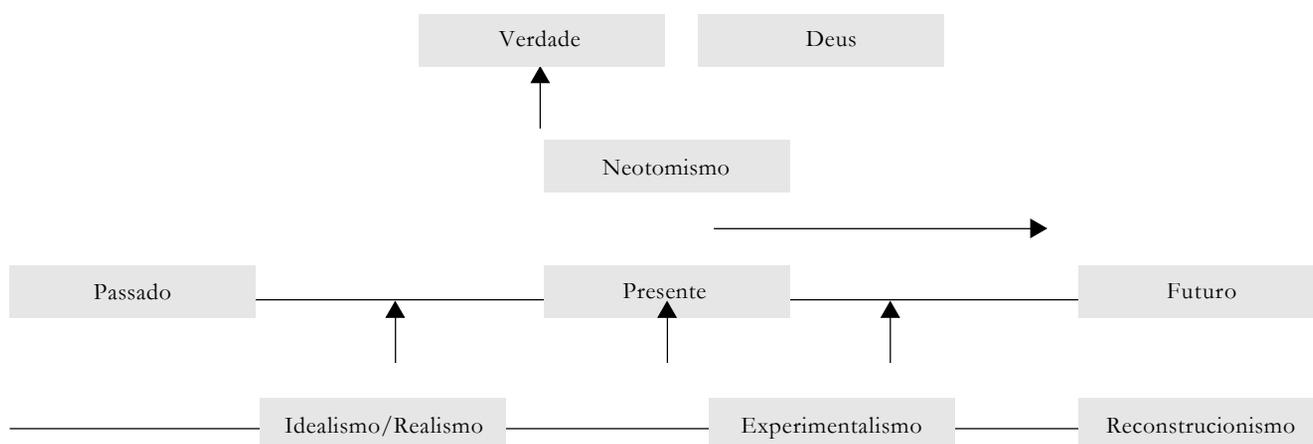
* Reitor do Departamento de Artes e Ciências da Bunker Hill Community College, Boston, Massachusetts. Licenciado em Física pela Universidade Estadual de Nova York em New Paltz; Mestre em Educação Científica pela Universidade de Massachusetts em Amherst. Doutor em Lei, Política e Sociedade pela Northeastern University de Boston.

E-mail: smlaba@bbcc.mass.edu.

Título original: Community colleges in the United States System of Education

Recebido para publicação em: 07/08/07.

TABELA 1
LINHA DO TEMPO HISTÓRICA E FILOSOFIA EDUCACIONAL⁴



De acordo com esses quatro agrupamentos filosóficos, qual deve ser o papel de nossa educação? Começemos pelos neotomistas, cujo patrono intelectual é o italiano São Tomás de Aquino, do século XIII. Segundo Morris e Pai (1976)⁵, os neotomistas argumentam que as mudanças sociais e os movimentos históricos são “*bastante irrelevantes em relação ao trabalho escolar*”. No seu entender, o nosso dia-a-dia como nações e membros da comunidade mundial não reflete mais que “*meras características superficiais de nossa existência temporal*”. Por conseguinte, afirmam eles, “*a escola deveria ser afastada e colocada acima das caóticas condições da humanidade, voltada para qualidades eternas, que constituiriam o adequado ambiente intelectual e moral do jovem*”⁶. Como mostra a ilustração, a missão da educação tomista se assenta acima do ruído da história social, concentrando-se na busca da verdade absoluta ou Deus. Há algumas escolas de filiação religiosa na América que partilham alguns aspectos dessa filosofia.

Os idealistas se colocam como herdeiros intelectuais do pensador alemão Immanuel Kant, o qual alegava ser o pensamento superior à existência. Os realistas, por outro lado, devem muito a Platão e Aristóteles, acreditando que a realidade existe, mesmo que não a testemunhemos diretamente. Idealistas e realistas, a despeito de algumas variações entre si, agruparam-se no diagrama acima. Em se tratando, ambas, de teorias essencialmente conservadoras, observam Morris e Pai (1976) que a decorrente concepção realista/idealista de escola constitui um “*repositório da tradição ocidental, no qual o conhecimento pode ser acumulado, organizado e sistematicamente disseminado entre os jovens*”⁷. Como esse processo de acumulação, organização e disseminação sistemática não pode acontecer rapidamente, o conteúdo educacional idealista/realista tende a ficar para trás no *status quo* da sociedade, atuando como um freio às mudanças e ao desequilíbrio social.

Os experimentalistas se baseiam nos ensinamentos do filósofo inglês Francis Bacon e do matemático francês René

Descartes. Bacon é geralmente associado ao experimentalismo indutivo, tendo Descartes, por sua vez, promovido o chamado racionalismo matemático dedutivo⁸.

Os experimentalistas não se detêm na tentativa de entender a realidade última. Acreditam que o que sabemos provém efetivamente do exercício de nossos corpos e mentes. Cabe observar que os experimentalistas estão levemente à frente do presente em nosso diagrama. “Os experimentalistas”, mais uma vez citando Morris e Pai (1976),

consideram o limiar de crescimento ou avanço do presente, a mais vantajosa e estimulante localização para a realização do progresso de aprendizagem. É através da tentativa de solução dos problemas reais e genuínos da vida atual, bem como da crítica e avaliação do conhecimento contemporâneo, que os jovens chegam verdadeiramente ao crescimento.⁹

O reconstrucionismo é uma filosofia relativamente nova na educação, figurando entre os seus criadores o americano Theodore Brameld e o brasileiro Paulo Freire. Os reconstrucionistas têm uma clara visão de como o mundo deveria funcionar, a qual pode ser considerada utópica por natureza. A filosofia reconstrucionista tem muito em comum não apenas com o idealismo das lutas anticoloniais do século passado, mas também com os atuais compromissos relativos ao meio ambiente e à justiça econômica. Enquanto os experimentalistas trabalham dentro do sistema para mudá-lo, os reconstrucionistas tendem a se colocar à frente das massas, considerando escolas motores de mudança.

Todo país provavelmente aplica uma ou mais dessas idéias para modelar a missão e os objetivos de seu sistema educacional. Essa mistura de filosofias é possivelmente mais pronunciada nos Estados Unidos em virtude da dimensão do país, da história, da diversidade populacional e regional, considerando-se igualmente a mistura das instituições, públicas e privadas e o dinamismo democrático.



*Essa mistura de filosofias
é possivelmente mais
pronunciada nos Estados
Unidos em virtude da
dimensão do país, da
história, da diversidade
populacional e regional,
considerando-se igualmente a
mistura das instituições,
públicas e privadas e o
dinamismo democrático.*



EXPERIMENTALISMO, JOHN DEWEY E A EDUCAÇÃO AMERICANA

Se uma filosofia específica tivesse que ser escolhida como principal guia da educação americana, esta seria sem dúvida o experimentalismo. Há várias razões para tal escolha. A própria complexidade e diversidade da sociedade americana, que demanda um grau de diversidade filosófica nas escolas, exigiria uma filosofia educacional funcional, dinâmica e unificadora, a fim de criar uma cultura nacional. Por outro lado, o experimentalismo também pode ter sido beneficiado pelo prestígio das obras e do ensino de John Dewey, assim como pela influência da Columbia School of Education.

Em seu livro, publicado em 1916, Dewey observou que o aprendizado através da observação e imitação dos mais velhos estava se mostrando cada vez mais inadequado na preparação do jovem para a vida.

Se uma praga exterminasse de uma só vez todos os membros de uma sociedade, é óbvio que o grupo seria extinto. Não obstante, a morte de cada um dos membros constituintes é tão certa quanto a eliminação simultânea de todos por uma epidemia. Contudo, a diferença gradual de idade, o fato de alguns nascerem e outros morrerem, torna possível, através da transmissão de idéias e práticas, a constante renovação do tecido social. Já que esta renovação não é automática, a menos que sejam tomadas providências a fim de que se processe uma genuína e completa transmissão, o grupo eventualmente cairá na barbárie e subseqüentemente no estado selvagem¹⁰

A idéia chave da citação acima é a afirmação de Dewey de que sejam tomadas providências a fim de que se processe uma genuína e completa transmissão. Na sua abordagem, a ênfase é dada à transmissão, não pura e simples, mas estruturada. Ele queria dizer que a educação tinha que ser focada e não instintiva, como seria de se esperar entre mulas, bodes e galinhas; Dewey e seus sucessores dispunham de uma filosofia conveniente para guiá-los. Enquanto os amigos realistas ainda discutiam Aristóteles 2.400 anos depois, Dewey e seus companheiros sabiam o que era realidade para eles. A verdadeira realidade, diziam, “é algo como o que temos à nossa frente – árvores, maçanetas, sogra e sorvete, crepúsculos e guerra, amor e furacões”¹¹. No decorrer dos anos, Dewey e os que partilhavam suas idéias contemplaram a realidade na Primeira Guerra Mundial e seus desdobramentos, nos anos da Depressão, na Segunda Guerra Mundial e suas decorrências, na ascensão da União Soviética e a ameaça nuclear, Coréia e Vietnã, direitos civis, direitos dos homossexuais, no surgimento da China e da Índia como competidores econômicos, nas crises ambientais e no impacto da globalização sobre a maioria pobre da humanidade. Ao invés de Deus ou da Verdade Absoluta, eles tiveram a seu lado o espírito da Declaração da Independência. “*Todos os homens (e mulheres) foram criados iguais*”. Eles tinham os ideais da Constituição: “*Formar uma união mais perfeita, estabelecer a justiça, assegurar a tranquilidade doméstica, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral e assegurar as bênçãos da liberdade*”. A educação tinha que “*produzir cidadãos patriotas, bom governo e soluções para os problemas sociais, econômicos*



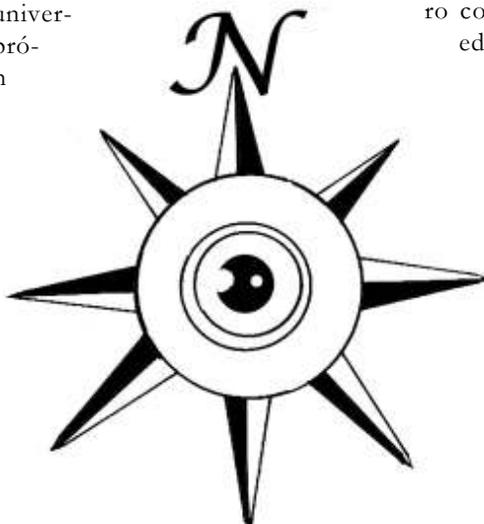
e políticos do país”¹². Para realizar essa tarefa, a educação tinha que produzir “uma pessoa autodeterminada, não atada às injunções ou ditames dos outros, apta a fazer escolhas válidas e gratificantes para sua própria sobrevivência e para o bem comum”¹³. Tal era a missão da educação americana.

VISÃO RÁPIDA DO SISTEMA

Não faz muito tempo, minha família apresentava a singular característica de ter uma filha na escola primária, uma no nível médio, mais uma no segundo grau, outra na faculdade e eu mesmo na pós-graduação. Podem chamar minha mulher de santa, pois ela assumiu, sozinha, o trabalho doméstico! Nós tínhamos, em uma só família, a experiência completa do sistema americano de educação. O exemplo era ainda mais completo porque três de minhas filhas freqüentavam escolas públicas, uma estava em uma universidade pública e eu, numa universidade particular.

Da escola primária ao segundo grau, período freqüentemente referido como “K-a-12”, a responsabilidade recai geralmente sobre a metrópole ou cidade. Este sistema “K-a-12” é governado por uma combinação de membros eleitos ou nomeados do comitê escolar e financiado normalmente pela metrópole ou cidade, através dos impostos sobre propriedades. Há também financiamento por parte dos governos estadual e federal, segundo algumas fórmulas complexas.

Cada estado tem seu próprio sistema de educação superior e sua estrutura de funcionamento. A educação superior tem geralmente três elementos: 1) universidades que conferem grau de doutorado, grau profissional e conduzem pesquisa; 2) faculdades estaduais, que conferem grau de bacharelado, de mestrado e encaminham para as universidades; e 3) *community colleges* (faculdades da comunidade), que conferem diplomas e graus associados, encaminhando para faculdades estaduais e universidades, ou conduzindo diretamente para a força de trabalho. O sistema de educação superior é geralmente governado por uma diretoria estadual, mas cada faculdade ou universidade normalmente também tem sua própria diretoria (*board of trustees*). Além das mensalidades e taxas pagas pelos alunos, a educação superior é financiada pelos estados e pelo governo federal. Uma parte do financiamento estadual e federal da educação superior é direta, ou seja, através de efetiva alocação estadual ou federal de recursos. Por outro lado, uma grande parte do financiamento é indireta, através de bolsas estaduais e federais ou empréstimos aos estudantes, com seguro público contra inadimplência.

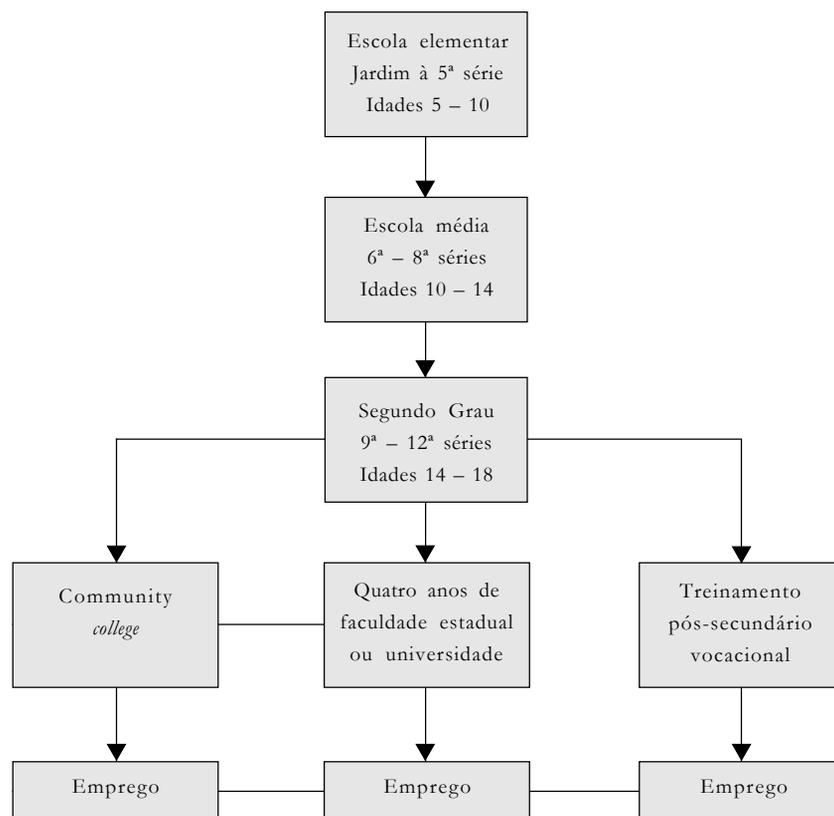


• • •

*Cada nível de escolaridade,
do primário à universidade,
tem a versão pública
e a independente.
As escolas independentes
podem ser financiadas
por uma organização
religiosa, uma instituição
não-governamental
ou uma fundação
filantrópica.*

Cada nível de escolaridade, do primário à universidade, tem a versão pública e a independente. As escolas independentes podem ser financiadas por uma organização religiosa, uma instituição não-governamental ou uma fundação filantrópica. Podem também receber doações para financiar programas acadêmicos ou prestar ajuda financeira a estudantes. Os estudantes que freqüentam faculdades e universidades particulares estão igualmente qualificados para bolsas de estudo públicas e empréstimos para a educação com seguro público. Esses empréstimos com seguro constituem a glória e o infortúnio da educação americana. Sem eles, o sistema não funcionaria com eficácia; em contrapartida, grande número de estudantes sai da faculdade arcando com o ônus do débito. O governo dos Estados Unidos também patrocina instituições especiais acadêmicas e de treinamento, freqüentemente associadas a preocupações nacionais, tais como seguridade nacional, saúde pública e segurança.

O diagrama a seguir ilustra a estrutura geral da educação americana, do jardim de infância à universidade.



TRÊS EXPERIÊNCIAS COM O SISTEMA EDUCACIONAL

A fim de esclarecer melhor como funciona o sistema americano de educação, acompanhemos a educação de três americanos: Maria, John e Angela. Maria queria ser médica, John estava decidido a ser advogado e Angela sempre sonhara em ser mecânica de automóveis.

A maioria dos americanos não tem ajuda para organizar o cotidiano, uma vez que a maior parte dos jovens têm mães e pais que trabalham. Os pais freqüentemente fazem uma verdadeira ginástica para equilibrar a casa e o trabalho. Os que têm recursos colocam as crianças na creche desde a mais tenra idade. Quando as crianças atingem a idade de cinco anos, entram para o jardim da infância por um ano, como parte da escola elementar (escola primária).

Maria, John e Angela começaram o jardim de infância juntos. Tinham um programa acadêmico relativamente uniforme, que incluía leitura, escrita, matemática, ciência e estudos sociais, em níveis que as crianças pudessem absorver. As classes variavam entre 15 e 30 alunos. As aulas começavam às oito horas da manhã e terminavam às três da tarde. Os pais que não podiam buscar os filhos na escola normalmente faziam arranjos para condução escolar ou pagavam programas escolares extras após o horário normal, de modo que pudessem buscá-los após o expediente de trabalho. Maria, John e Angela estavam todos nesta programação e eram apanhados às seis

horas na maioria dos dias. Os pais estavam muito envolvidos na educação dos filhos nessa fase, participavam de muitas reuniões de pais e professores e às vezes assistiam a algumas aulas com as crianças ou ajudavam os professores, quando possível. Depois de cinco anos na escola primária, Maria, John e Angela se transferiram para a escola média, para completar a sexta, sétima e oitava séries.

A maioria das escolas de segundo grau começa na nona série. Dependendo do tamanho da comunidade, pode haver um segundo grau vocacional (*vocational high school*) e um de orientação acadêmica, ou ainda um segundo grau comportando um programa vocacional dentro dele. O programa vocacional pode incluir arte culinária, mecânica de automóveis, desenho gráfico, tecnologia de transmissão televisiva e outros. Os alunos da *vocational high school* são obrigados a fazer todas as matérias essenciais para se formar no segundo grau, inclusive leitura, escrita, matemática, história americana e estudos sociais.

Maria, John e Angela se formaram na escola média ao mesmo tempo e se transferiram para o segundo grau juntos. O segundo grau que optaram oferecia ambas as linhas, acadêmica e vocacional. John e Maria seguiram a linha acadêmica, enquanto Angela preferiu a vocacional, para levar avante seu interesse em mecânica de automóveis. A nona, décima, undécima e duodécima séries passaram rápido, e os três se formaram na mesma época. Tinham quase dezoito anos.



*Cabe ressaltar
que a grande maioria
dos americanos
freqüenta escolas públicas
do primário ao segundo grau
e o número dos que
freqüentam escolas
particulares aumenta
a partir do nível
pós-secundário.*



Quando se formaram, Maria e John passaram meses se preparando para o exame SAT, preenchendo formulários e escrevendo a temida redação para inscrição na universidade. Ambos foram admitidos para pelo menos duas entre as nove ou mais faculdades em que se tinham inscrito. Angela não tinha se inscrito em nenhuma faculdade ou universidade, e não tinha feito a prova do SAT, porém tinha intenção de entrar na faculdade em setembro, tal como seus dois amigos.

A FACULDADE DE ESCOLHA DE ANGELA

Angela ia ingressar na *community college* local em busca de um diploma (*associate of science degree*) de mecânica de automóveis. *Community colleges* têm inscrição aberta, ou seja, qualquer pessoa com um diploma de segundo grau pode freqüentar. A faculdade de Angela era a poucos quilômetros de sua casa, portanto ela podia ir às aulas e continuar morando em casa. O custo era em torno de 3.000 dólares por ano e seus pais podiam arcar. Quatorze anos após ingressar na escola primária, Angela tirou o diploma (*associate degree*) e foi imediatamente contratada para uma grande companhia automotiva perto de sua cidade natal.

A FACULDADE DE ESCOLHA DE JOHN

A fim de aumentar suas chances de ser aceito em uma prestigiosa faculdade de Direito e, por conseguinte, incrementar suas chances de sucesso na carreira de advogado, John

decidiu entrar para uma faculdade particular altamente seletiva, a fim de estudar ciência política e introdução ao Direito para o bacharelado em Ciências. Sendo a faculdade fora do estado, suas despesas, inclusive moradia e alimentação, chegavam a um total de 42.000 dólares por ano. Como seus pais não podiam arcar com este custo, mesmo com a bolsa de 20.000 dólares anuais por ele obtida, John completou seu bacharelado em quatro anos, com um débito no valor de 25.000 dólares. Afortunadamente, conseguiu ser admitido na universidade que almejava, na qual obteve o grau de doutor em Jurisprudência (JD) ao cabo de três anos e passou no exame da Ordem dos Advogados, o que o qualificou para exercer advocacia no estado onde pretendia. Contudo, coube-lhe financiar a formação acadêmica sem qualquer ajuda dos pais. Dessa maneira, dezenove anos depois do início da escola primária, John se tornou advogado aos 24 anos, com o ônus de um débito no valor de 75.000 dólares.

A FACULDADE DE ESCOLHA DE MARIA

Já que o sistema universitário estadual possuía uma faculdade de Medicina muito respeitada, rodeada por faculdades estaduais bem constituídas, Maria decidiu freqüentar uma dessas faculdades como estudante paramédico e de Biologia. Embora podendo se trasladar para a faculdade diariamente, desejosa de uma experiência universitária completa, ela preferiu mudar-se para o *campus*. Em se tratando de uma faculdade pública, o custo era razoável e seus pais podiam arcar com os 12.000 dólares anuais. Maria obteve o grau de bacharel em quatro anos sem débito e ingressou na faculdade de Medicina na universidade pública. O custo anual de sua faculdade foi de 39.000 dólares, refletindo o alto custo da formação médica, mesmo em instituições subsidiadas pelo governo. Assim como John, ela não teve ajuda familiar na sua formação médica. Obteve o grau de doutorado em Medicina (MD) em quatro anos, vinte anos depois de entrar na escola primária. Ainda teria mais um ano como interna e dois a sete anos como residente num hospital-escola para então poder exercer a medicina independentemente. A duração da residência depende do grau de especialização desejado. Maria almejava fazer Clínica Geral e pôde ingressar no hospital central de sua cidade como doutora com a idade de 29 anos, onze anos após o segundo grau.

INSCRIÇÕES EM ESCOLAS E FACULDADES AMERICANAS

A tabela seguinte, adaptada da tabela 212 da edição de 2004-2005 da publicação "*Occupational Outlook*", fornece excelentes dados a respeito da inscrição de estudantes nos Estados Unidos, do jardim de infância à universidade. Os dados abaixo do nível acadêmico são apenas para programas diurnos. Os dados acadêmicos são para crédito de diploma ou não. Todos os dados quantitativos são multiplicados por mil. O primeiro número é o total geral do ano. O segundo número mostra inscrições em instituições públicas naquele nível e o terceiro corresponde à inscrição no setor privado daquele nível¹⁴.

INSCRIÇÃO EDUCACIONAL NOS ESTADOS UNIDOS 1980-2004

Nível escolar	1980	1990	1995	1998	2000	2003	2004
Todos os níveis/ total	58.305	60.269	64.764	66.982	68.671	71.890	72.336
Público	50.335	52.061	55.933	57.677	58.956	61.398	61.540
Privado	7.971	8.208	8.831	9.306	9.714	10.492	10.696
Pré-K – 8 ^o série	31.639	33.962	36.806	38.048	38.556	39.267	38.915
Público	27.647	29.878	32.341	33.346	33.688	34.202	33.925
Privado	3.992	4.084	4.465	4.702	4.868	5.065	4.990
Série 9 ^o – 12 ^o	14.570	12.488	13.697	14.428	14.802	15.722	16.049
Público	13.231	11.338	12.500	13.193	13.515	14.338	14.634
Privado	1.339	1.150	1.197	1.235	1.287	1.383	1.414
Educação Superior	12.097	13.819	14.262	14.507	15.312	16.900	17.272
Público	9.457	10.845	11.092	11.138	11.753	12.857	12.272
Privado	2.640	2.974	3.169	3.369	3.560	4.043	4.292

Cabe ressaltar que a grande maioria dos americanos freqüenta escolas públicas do primário ao segundo grau e o número dos que freqüentam escolas particulares aumenta a partir do nível pós-secundário. Por exemplo, se aproximadamente 13% dos alunos do nível de K a 12 freqüentava escolas particulares em 2004, perto de 24% dos estudantes pós-secundários estava em instituições privadas. Isso também significa que aproximadamente 76% dos americanos inscritos na educação superior freqüentavam faculdades e universidades particulares em 2004. Já que, de acordo com o boletim do AACCC, 45%-50% dos estudantes de faculdade americanos se dirige a *community colleges*¹⁵, podemos supor que somente 30% dos estudantes no ensino superior se dirige a faculdades e universidades estaduais públicas. Esses números destacam a importância das *community colleges* na educação americana.

RECONHECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Embora as faculdades e universidades americanas sejam conhecidas pela independência do controle governamental e pela variabilidade dos padrões acadêmicos, uma forte cultura de controle auto-imposto de qualidade se tem feito notar no decorrer dos anos sob a forma de 'reconhecimento'. Reconhecimento pode ser definido como:

o processo de avaliação e certificação de qualidade da educação, utilizado pela comunidade americana de educação superior, trata-se de um processo de certificação de qualidade estritamente americano, através do qual as instituições em conjunto estabelecem padrões de boa prática, fazem regularmente e em comum acordo avaliações das instituições, conferem *status* de reconhecimento às instituições e tornam pública a resenha do reconhecimento das instituições.¹⁶

Há três tipos de agência de reconhecimento da educação superior nos Estados Unidos: 1) agências de reconhecimento regional, que reconhecem faculdades e universidades como instituições; 2) agências de reconhecimento programáticas, que fornecem certificação de qualidade a programas individuais tais como Programas de Enfermagem de faculdades que já têm reconhecimento regional; e 3) agências de reconhecimento nacionais, que concedem reconhecimento a programas tais como Engenharia e Administração de Empresas, considerados como portadores de missão especializada ou nacional. O mais procurado reconhecimento entre faculdades e universidades é o conferido por uma das seis comissões regionais de reconhecimento, que cobrem as seguintes regiões:





a missão primeira da educação americana... formar uma pessoa “autodeterminada, não atada aos ditames ou instruções de outrem, capaz de escolhas válidas e gratificantes para sua própria sobrevivência e para o bem comum”.



- 1) Estados da Nova Inglaterra
- 2) Estados da região Middle Atlantic
- 3) Estados do Sul
- 4) Estados do Centro-Norte
- 5) Estados do Noroeste
- 6) Estados do Oeste e territórios do Pacífico

O Ministério de Educação dos Estados Unidos (DOE) supervisiona – mas não controla – as comissões de reconhecimento. O poder do DOE sobre as comissões reside na sua capacidade de conferir reconhecimento. A fim de que um estudante receba assistência financeira federal para freqüentar uma faculdade ou universidade em especial, tal faculdade ou universidade deve ser reconhecida por uma agência de reconhecimento do DOE.

Apesar de haver seis comissões regionais independentes de reconhecimento, todas elas são sujeitas a um critério comum, que deve ser atendido por todas as faculdades e universidades: o critério da educação geral. Embora a formulação desse critério possa variar, o seu espírito permanece o mesmo por todo o país, coerente com a missão primeira da educação americana, citada anteriormente, de formar uma pessoa “autodeterminada, não atada aos ditames ou instruções de outrem, capaz de escolhas válidas e gratificantes para sua própria sobrevivência e para o bem comum”.

Esse critério da educação geral se insere no padrão de reconhecimento número quatro da Associação de Escolas e Faculdades da Nova Inglaterra (Neasc). O critério especifica, em parte, que os diplomados:

tendo completado com sucesso um programa de graduação, demonstrem competência na comunicação escrita e oral em inglês, capacidade de raciocínio científico e quantitativo, pensamento crítico e capacidade de aprendizagem continuada, além de competência em informação. Também devem demonstrar conhecimento e compreensão dos fenômenos científicos, históricos e sociais, bem como conhecimento e apreciação das dimensões estéticas e éticas da humanidade.¹⁷

O critério, outrossim, determina que os estudantes concluindo o *associate degree* devam cumprir o equivalente a vinte horas semestrais de educação geral, enquanto os que terminam o (*bachelor degree*) devem cumprir quarenta horas. Algumas das melhores fontes de informação em relação ao reconhecimento e inovações na educação superior podem ser encontradas nas páginas da internet das seguintes agências:

- 1) *American Educational Research Association* (www.aera.net)
- 2) *American Council on Higher Education* (www.acenet.edu)
- 3) *American Association of State Colleges & Universities* (www.aascu.org)
- 4) *Association of Governing Boards of Universities and Colleges* (www.agb.org)
- 5) *The Higher Learning Commission of the North Central Association of colleges and Schools* (www.ncahigherlearningcommission.org)
- 6) *Accrediting Commission for Community and Junior Colleges* (www.accjc.org)
- 7) *Academic Quality Improvement Program -AQIP/ Accreditation* (www.aqip.org)
- 8) *Council for Higher Education Accreditation* (www.chea.org)
- 9) *The Global Forum on International Quality Assurance and Accreditation* (<http://portal.unesco.org/education>) – Procurar no Global Forum
- 10) *American Association of Community Colleges* (www.aacc.nche.edu)
- 11) *League for Innovation in Community Colleges* (www.league.org/index.cfm)



QUAL É A REAL IMPORTÂNCIA DAS COMMUNITY COLLEGES?

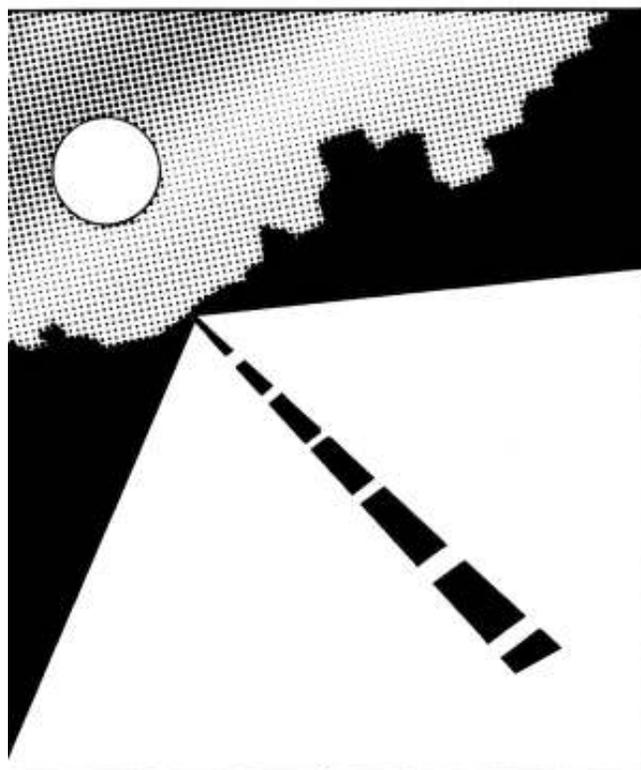
Em Community colleges *dos Estados Unidos: um modelo para a Grã-Bretanha?*, W. J. Morgan, da Universidade de Nottingham, se questiona se as *community colleges* americanas constituem um modelo válido para a Grã-Bretanha¹⁸. O questionamento poderá ser igualmente relevante para educadores de outros países, inclusive do Brasil. Por outro lado, Morgan observa que o sistema de educação e treinamento é fundamental para o desenvol-

vimento econômico e social de uma nação, tendo isso sido “já há muito reconhecido pelos economistas na teoria do desenvolvimento do capital humano, a respeito da qual já existe copiosa literatura”¹⁹. A primeira *community college* dos Estados Unidos foi estabelecida em Illinois em 1901. De início, o número dessas instituições cresceu lentamente, porém ganhou velocidade proporcional à demanda para esse serviço. Os líderes da política e da educação americanas consideravam-nas meios eficazes para geração de empregos e reciclagem profissional durante os anos da Grande Depressão e também nos esforços para a reintegração dos veteranos das duas grandes guerras na força de trabalho norte-americana. Temos abaixo uma tabela fornecida por George B. Vaughan, mostrando o crescimento das *community colleges* de 1901 a 2005²⁰.

Ano	Número de Faculdades
1901	1
1910	25
1920	74
1930	180
1940	238
1950	330
1960	412
1970	909
1980	1.058
1990	1.108
2000	1.155
2004	1.158
2005	1.186

De acordo com a página na internet da *American Association of Community Colleges* (AACC), o número de *community colleges* em 18 de julho de 2007 era de 1.166; quando os *campi* afiliados são incluídos, o número cresce para 1.600. No total, como já notamos, aí se encontram 50% dos estudantes de faculdade americanos. Desde sua instauração, as *community colleges* já formaram mais de 100 milhões de americanos.

O que de fato distingue as *community colleges* das outras instituições de ensino superior? K. Patricia Cross, do *Education Testing Services* (ETS), um serviço de testagem para educação, procurou responder essa pergunta num trabalho em 2007, discorrendo sobre os resultados da listagem das metas das *community colleges*. O estudo da CCGI, realizado em 1979, entrevistou aproximadamente 1.500 membros de faculdades, administradores e membros da diretoria de dezoito representativas *community colleges* espalhadas geograficamente pelos Estados Unidos. Todos os participantes concordaram que essas faculdades “têm uma obrigação maior de fornecer educação técnica e vocacional para os alunos”. Segundo esse relatório, os entrevistados listaram o objetivo técnico-vocacional do CCGI, discriminado nos quatro itens seguintes:



- 1) Fornecer oportunidades para os alunos se prepararem para carreiras técnico-vocacionais específicas, tais como contabilidade, refrigeração e ar condicionado, enfermagem, e assim por diante.
- 2) Oferecer programas educacionais orientados para novos campos profissionais emergentes.
- 3) Dar oportunidades de atualização e aperfeiçoamento de habilidades profissionais já existentes.
- 4) Fornecer oportunidades de reciclagem para pessoas que desejem se qualificar para novas carreiras ou adquirir novas habilidades profissionais.

Todos os participantes, inclusive os estudantes, na pesquisa da CCGI, colocaram educação geral entre os seus cinco objetivos principais²¹.

Muita coisa aconteceu nos Estados Unidos para tornar as *community colleges* ainda mais importantes hoje do que em 1979. Eis algumas razões:

- 1) Perda de empregos de baixa qualificação profissional. Entre 2002 e 2012, prevê-se que até 56% dos empregos de baixa qualificação profissional desapareçam nos Estados Unidos. Entre esses, contamos: fazendeiros e sítiantes, operadores de máquinas de costura, datilógrafos e digitadores, controladores de estoque, funcionários para receber encomendas, telefonistas e outros²².
- 2) Aumento de empregos que demandam algum tipo de formação superior. Entre 2002 e 2012, empregos dessa

categoria cresceram até 59%. Estão incluídos: auxiliares médicos, analistas de comunicação de dados e sistemas de redes, assistentes de médicos, acompanhantes de doentes, fisioterapeutas, assistentes de laboratórios biotecnológicos, e assim por diante²³.

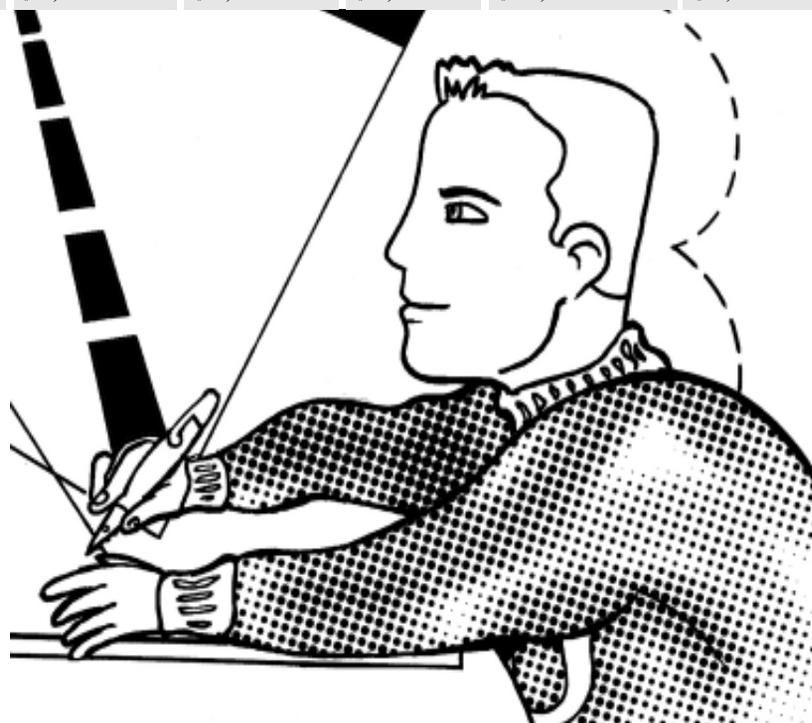
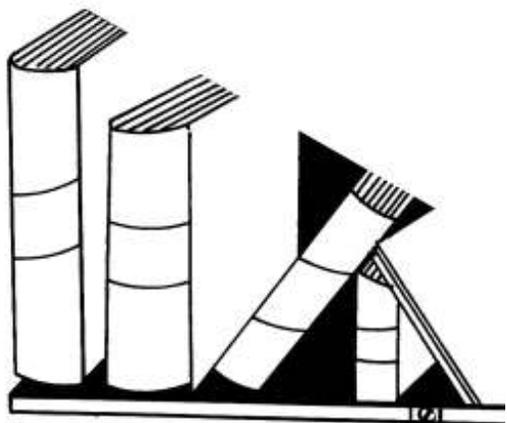
3) Iminente perda do talento atualmente disponível à medida em que os “baby boomers” (americanos nascidos entre 1946 e 1964) se aposentam em massa. Esta escassez iminente também é global. “Na década seguinte a 2010”, escreve Edward Gordon, “o principal celeiro de talentos para gerentes e trabalhadores com menos de 45 anos encolherá em 6%. As forças demográficas estruturais nos próximos 20 anos estão a postos para uma verdadeira guerra por competência e talento”.²⁴ Mesmo se a maioria dos “boomers” nos Estados Unidos decidisse adiar a aposentadoria, algo com que os planejadores de força de trabalho estão contando, seus problemas médicos e a relutância em desenvolver “novas competências” iriam limitar sua capacidade em lidar com os novos desafios do

mercado de trabalho. “O problema global demográfico crítico é que muitas pessoas qualificadas estão saindo da economia mundial de uma só vez. Simplesmente não há uma geração X ou Y de trabalhadores suficientemente qualificada para manter a economia em ebulição”²⁵. Não há uma definição rápida e drástica de geração X ou Y, porém muitos aceitam que a geração X inclui os nascidos entre 1965 e 1976, enquanto a Y cobre o grupo nascido entre 1978 e 1989.

4) O custo crescente para manter o padrão de vida da classe média americana. Costumava ser possível ganhar a vida bem e manter um padrão de vida de classe média com educação de segundo grau. Esse feito está se tornando cada vez mais difícil. Dadas as diferenças de custo de vida nas várias regiões do país, é difícil chegar ao consenso de que renda anual define a classe média, embora 40.000 dólares pareça uma estimativa razoável. A tabela seguinte ilustra o impacto da educação na renda.

GANHOS MÉDIOS DE ACORDO COM O MAIS ALTO GRAU OBTIDO: 2004²⁶

Idade	Sem 2º grau	2º grau	Uma faculdade	Grau associado	Grau bacharel	Grau mestre	Grau profissional	Graudoutor
Todas	\$19,182	\$28,631	\$30,173	\$36,021	\$51,568	\$67,073	\$114,878	\$93,033
25-34	\$19,436	\$26,984	\$29,313	\$31,740	\$42,836	\$47,832	\$76,664	\$61,425
35-44	\$22,699	\$32,060	\$38,076	\$39,126	\$59,835	\$74,824	\$116,054	\$90,453
45-54	\$22,742	\$33,700	\$39,841	\$41,253	\$59,919	\$79,232	\$133,654	\$107,130
55-64	\$22,087	\$31,042	\$38,712	\$39,508	\$57,196	\$64,981	\$130,748	\$102,885
65+	\$18,924	\$21,976	\$31,408	\$24,856	\$32,766	\$45,2931	\$105,991	\$67,951





“Na década seguinte a 2010”, escreve Edward Gordon, “o principal celeiro de talentos para gerentes e trabalhadores com menos de 45 anos encolherá em 6%. As forças demográficas estruturais nos próximos 20 anos estão a postos para uma verdadeira guerra por competência e talento”

- 5) O fracasso das faculdades e universidades, públicas e privadas, de duração de quatro anos, no atendimento aos requisitos exigidos pela força de trabalho americana. Como assinalamos anteriormente, as faculdades e universidades, públicas e privadas, de duração de quatro anos, somente abrangem cerca de 50% de todos os americanos matriculados no ensino superior. Dados os competitivos padrões de admissão e o alto custo das taxas e mensalidades, milhões de americanos que não podem arcar com os custos ou satisfazer os padrões de admissão, ficam excluídos de seus quadros. Os Estados Unidos não pode se permitir perder tantos membros de sua força de trabalho.

OS ÚNICOS QUALIFICADOS PARA ENFRENTAR O DESAFIO

Em 1992, os estudantes minoritários chegavam perto de 25% das matrículas nas *community colleges*. Por volta de 2002, o número cresceu para 33%, sendo que os estudantes afro-americanos compreendiam 36% do grupo e os hispânicos tinham subido para 41,2% das inscrições minoritárias. Em virtude de sua missão de oferecer inscrição aberta, custos

razoáveis, extensibilidade de ensino e serviços de apoio, as *community colleges* estão aptas a satisfazer as necessidades de muitos alunos mais velhos, estudantes de meio expediente, de primeira geração, com dependentes, de baixa renda ou oriundos de comunidades minoritárias. A última categoria é especialmente verdadeira no tocante a *community colleges* estabelecidas em comunidades urbanas. As *community colleges* também estão mais capacitadas a atender às necessidades da força de trabalho em um espaço de tempo mais oportuno do que as faculdades e universidades de quatro anos de duração, cujos processos de tomada de decisão tendem a ser mais protraídos.

Muita inovação está acontecendo nas *community colleges*, inclusive a ampliação da educação on-line. Para contornar o custo do desenvolvimento de cursos on-line, alguns dos quais tem curta sobrevivência, a Liga pela Inovação nas *Community Colleges* (*League for Innovation in Community Colleges*) lançou, em 2003, o projeto Sail, financiado pela P. Sloan Foundation. Esse projeto “*se dispõe a usar o poder da distribuição baseada na internet para ampliar o alcance de programas bem sucedidos de especialização, dar suporte a faculdades e parcerias que desenvolveram e investiram em cursos de especialização e contornar as despesas da produção e das atualizações*”²⁷.

A COMMUNITY COLLEGE BUNKER HILL

Ao contrário das faculdades e universidades de quatro anos, as *community colleges* não podem se esconder sob o manto da liberdade acadêmica. Os estudantes normalmente vivem em comunidades servidas pela faculdade, e continuam a viver e ser empregados nessas comunidades após a graduação. Professores e administradores freqüentemente vivem também nessas comunidades. Embora não tenha visto nenhum estudo que o confirme, acredito que as *community colleges* devam alcançar um padrão mais alto de adequação do que as faculdades e universidades de quatro anos. Isso se deve provavelmente à relação mais direta entre as *community colleges* e os empregadores de seus diplomados na comunidade local. A *Community College* Bunker Hill, creio, mostra essa adequação num grau sem par, em relação às instituições privadas e públicas que conheci. Sob a direção da Dra. Mary Fifield; nos últimos dez anos, a instituição possui excelentes professores e administradores, ótimos programas acadêmicos, além de uma reputação nacional de enfoque centrado no aluno e de promoção da consciência global e competência intercultural.

A *Community College* Bunker Hill recentemente expandiu sua escola de Enfermagem e Programas de Saúde, introduziu novos programas de Administração, Computação, Biotecnologia e Engenharia Biomédica, além de estabelecer novos enfoques para desenvolver as habilidades dos estudantes recém-chegados, muitos dos quais são colocados em níveis que visam o aprimoramento da matemática e do inglês. A faculdade é líder em teleeducação e educação on-line em Massachusetts. Também é profundamente engajada em *learning communities* (comunidades de aprendizado), oferecendo faculdade e oportu-

tunidades de estudo para aprimorar a educação através de colaborações interdisciplinares. Os estudantes são igualmente encorajados a participar do *service learning*, (serviço de aprendizado), como maneira de ampliar sua compreensão do material do curso, ao mesmo tempo em que ajudam suas comunidades. Quanto aos estudantes que planejam se transferir para faculdades ou universidades de quatro anos para continuar sua formação acadêmica, Bunker Hill tem *articulation agreements*, ou seja, convênios para capacitar os portadores de *associate degrees* para a transferência de faculdade, sendo que esses alunos poderão ingressar já no terceiro ano das faculdades ou universidades de quatro anos.

Além dos programas acadêmicos, Bunker Hill também administra programas de treinamento para a força de trabalho em colaboração com a indústria e também programas de curto prazo de educação da comunidade, que não visam graduação, voltados para o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao trabalho ou ao aprimoramento pessoal. Os leitores poderão saber mais sobre Bunker Hill na página da internet www.bhcc.mass.edu.

PENSAMENTOS FINAIS

O sistema de educação americano não é perfeito e sofre muitas críticas internas. Algumas de nossas escolas de segundo grau, sobretudo em áreas urbanas, formam estudantes que não estão prontos para o mundo, o trabalho ou para a faculdade. Nossas *community colleges* estão sobrecarregadas de expectativas irreais de estudantes, pais, dos políticos e do público em geral, que nem sempre avalia a dificuldade de satisfazer as necessidades de cada um, num ambiente de inscrição aberta. Nossas faculdades e universidades de quatro anos têm suas próprias limitações. Henry A. Giroux denuncia que *“a universidade está sendo cada vez mais transformada em campo de treinamento para a força de trabalho corporativa. Qualquer um que passe qualquer período num campus universitário nos Estados Unidos hoje em dia”*²⁸, lamenta Giroux,

não pode deixar de perceber como a educação superior está mudando. Necessitadas de dinheiro e crescentemente definidas dentro da linguagem da cultura corporativa, muitas universidades parecem menos interessadas em aprendizagem superior do que em se tornarem baluartes registrados de nomes de marcas – vendendo espaço, edifícios e doando cátedras a abastados beneméritos corporativos. Os presidentes de faculdades são agora chamados de “CEO” (diretor-geral executivo).²⁹

Ainda assim há muito que admirar na educação americana. A filosofia primordial de abertura a novas idéias e à experimentação tornou a educação americana um laboratório válido para o mundo. Os educadores americanos estão abertos à troca de idéias com outros educadores e dispostos a apreender com eles. Mas também acreditam que, para serem eficazes, as soluções devem surgir o mais perto possível do problema. Quando os americanos começam a se desesperar em relação à sua capacida-

• • •

Caso não tivessem sido inventadas as community colleges, haveria uma traição aos ideais americanos. Sem elas, milhares de americanos não teriam tido acesso à educação superior e a carreiras produtivas.

de de resolver os problemas educacionais, não precisam ir muito longe, basta-lhes contemplar tantos estudantes estrangeiros que ainda vêm estudar nas faculdades e universidades americanas. Eles precisam ainda se lembrar que o comitê Nobel de Estocolmo concedeu a americanos 30% dos prêmios de Física, Química e Medicina nos últimos anos.

Caso não tivessem sido inventadas as *community colleges*, haveria uma traição aos ideais americanos. Sem elas, milhares de americanos não teriam tido acesso à educação superior e a carreiras produtivas.

A classe média teria continuado a decrescer, novos imigrantes teriam enfrentado uma tarefa mais difícil para juntar-se à principal corrente da sociedade americana e a democracia teria claudicado.

Resta ainda muito trabalho para aperfeiçoar nossa educação em todos os níveis, apoiar a Unesco e outros esforços que procuram harmonizar padrões e credenciais entre as nações. Entrementes as palavras do presidente Kennedy em 1961 continuarão a soar verdadeiras para todos os americanos.

*“Nosso progresso como nação não pode ser mais célere que nosso progresso na educação. Nossos requisitos para a liderança mundial, nossas esperanças de crescimento econômico e as exigências da própria cidadania requerem o desenvolvimento máximo da capacidade de cada jovem americano. A mente é nosso recurso fundamental.”*³⁰

NOTAS

¹ O estilo escolhido do artigo teve em vista viabilizar a tradução, excluindo na medida do possível termos técnicos e jargões.

² DEWEY, John. **Democracy and education**. New York : The Free Press, 1966.

³ MORRIS, Van Cleve; PAI, Young. **Philosophy and the american school**. 2 ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1976.

⁴ Id. *ibid*.

- ⁵ *Id. ibid.*, p. 15.
- ⁶ *Id. ibid.*, p. 15.
- ⁷ MCKAY, John P.; HILL, Bennette D.; BUCKLER, John. **A History of western society**. Boston : Houghton Mifflin, 1979.
- ⁸ MORRIS, Van Cleve; PAI, Young. (1976) *op. cit.*, p. 16.
- ⁹ DEWEY, John. (1966) *op. cit.*, p. 3-4.
- ¹⁰ *Id. ibid.*, p. 62.
- ¹¹ HASKINS, Jim. **Black manifesto for education**. New York : William Morrow and Company, 1974. p. 10.
- ¹² BERKSON, I. B. **The ideal and the community**. New York : Harper & Brothers Publishers, 1958. p. 37.
- ¹³ UNITED STATES. Department of Labor. **Occupation Outlook Handbook**: 2004-2005 Edition. Indianapolis : JIST Works, 2005. p. 142.
- ¹⁴ <http://www.aacc.nche.edu>. AACC Community College Fact Sheet. August 7, 2007.
- ¹⁵ WESTERN ASSOCIATION OF SCHOOLS AND COLLEGES. *Accrediting Commission for Community and Junior Colleges*. Available from: <<http://www.accjc.org>> <Cited: 8, Mar. 2007>.
- ¹⁶ STANDARDS for Accreditation. Bedford, Massachusetts : Commission on Institutions of Higher Education, 2005. p. 9.
- ¹⁷ MORGAN, W. J. Community colleges in the United States: are they a model for Britain?. *International Journal of Lifelong Education*, v. 19, n. 3, p. 225-235, May/June, 2000. Available from: <<http://www.tandf.co.uk/journals>>.
- ¹⁸ *Id. ibid.*, p. 225.
- ¹⁹ VAUGHAN, George B. **The Community college story**. 3.ed. Washington, DC : Community College Press, 2006. p. 1.
- ²⁰ CROSS, Patricia K. Community colleges on the plateau. **The Journal of Higher Education**, v. 52, n. 2, p. 113-123, mar/apr., Ohio University Press. Available from: <www.jstor.org>.
- ²¹ PHILLIPPE, Kent A; SULLIVAN, Leila Gonzalez. **National profile of community colleges: trends and statistics**. 4. ed. Washington, DC : American Association of Community Colleges, 2005. p. 173.
- ²² *Id. ibid.*, p. 172.
- ²³ GORDON, Edward E. **The 2010 Meltdown: solving the impending job crisis**. Washington, DC : Praeger Publishers, 2005. p. 15.
- ²⁴ *Id. ibid.*, p. 15.
- ²⁵ STATISTICAL Abstract of the United States: 2007. 126 ed. Washington, DC: US Census Bureau, 2007.
- ²⁶ PEREZ, Stella A. **Working together for institutional change**. Chicago, Illinois : Cael Forum and News, 2005-2006. p. 3.
- ²⁷ GIROUX, Henry A. Higher education under seige: implications for public intellectuals. **The NEA Higher Education Journal**, Washington, DC : NEA Interactive Media, v. 22, Fall, 2006.
- ²⁸ *Id. ibid.*, p. 68.
- ²⁹ President John F. Kennedy's Inaugural Address.

ABSTRACT

Sondlo Leonard Mblaba. *Community Colleges in the United States system of education*

The goal of this paper is to provide an overview of the United States educational system, from elementary to university levels, and to highlight the many roles played by community colleges within this system. The paper begins with a broad discussion of the philosophical underpinnings of the mission and goals of American education. This discussion is then followed by a series of segments that clarify the connections within the system, as well as strategies for quality control and responsiveness to societal needs. Throughout this paper, "America" and "Americans" will be used to refer to the United States of America and individuals from the United States of America, respectively. The author acknowledges that "American" normally applies to all citizens of the Americas, many of whom have other identifiers, such as "Brazilians," or "Mexicans."

Keywords: Education; Educational system; United States; Community Colleges.

RESUMEN

Sondlo Leonard Mblaba. *Community Colleges y el sistema educacional norteamericano.*

El objetivo de este trabajo es propiciar una visión general del sistema educacional norteamericano, desde el nivel elemental al universitario, enfatizando los múltiples papeles desempeñados por las community colleges, o sea, por las "facultades comunitarias", dentro de este sistema. Este estudio se inicia con una discusión amplia a respecto de los pilares de la misión educativa y de las metas de la educación estadounidense. Esta discusión está acompañada por una serie de segmentos que aclaran los vínculos existentes en el sistema y por estrategias de control de calidad y de la responsabilidad en lo que se refiere a las necesidades sociales. A lo largo del trabajo, los términos "América" y "americanos" son utilizados para hacer referencia respectivamente a los Estados Unidos de América y a sus ciudadanos – aún teniendo en cuenta que el autor reconoce que "americano" normalmente se aplica a todos los ciudadanos del continente americano, muchos de los cuales son también identificados como "brasileños" o "mexicanos", por ejemplo.

Palabras clave: Educación; Sistema Educacional; Estados Unidos; Community Colleges.